

## Um Olhar sobre as *Fake News* e o Enredo da Difamação de Marielle Franco

**Andréa Moreira Gonçalves de Albuquerque<sup>1</sup>**

Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife, PE, Brasil

**Evangelina Maria Brito de Faria<sup>2</sup>**

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

**Christiane Maria da Bôa Viagem Oliveira<sup>3</sup>**

Centro Universitário dos Guararapes, UNIFG, Recife, PB, Brasil

**Resumo** As *fake news* devastam reputações nas redes sociais digitais. A partir de um levantamento do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic-UFES), verificamos que os enunciados deflagradores da difamação de Marielle Franco (PSOL-RJ) continuam acessíveis, multiplicáveis e constituem um enredo difamatório, mais de quatro anos depois da execução da vereadora. O objetivo deste artigo é analisar cinco enunciados desse enredo, com base nas noções de cronotopos e axiologia, formuladas por Bakhtin, Medviédev e Volóchinov e na concepção de pontos de vista, articulada por estudiosos da teoria dialógica. Devido à esfera da atividade discursiva, também lançamos mão de teorias da comunicação e da cultura. Concluímos que a replicabilidade, a buscabilidade e o maniqueísmo, típicos das redes sociais digitais, favorecem a disseminação das *fake news*, do discurso do ódio, valores e comportamentos contrários aos pobres, negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+, ideias e grupos políticos defensores dos direitos desses segmentos da sociedade.

**Palavras-chave:** *Fake News*; Teoria Dialógica; Marielle Franco; Difamação; Discurso de ódio.

**Title:** A Look at Fake News and Marielle Franco's Defamation Plot

**Abstract:** Fake news devastates reputations on digital social networks. From a survey by the Laboratory of Studies on Image and Cyberculture (Labic-UFES), we found that the statements that triggered the defamation of Marielle Franco (PSOL-RJ) remain accessible, multiplyable and constitute a defamatory plot, more than four years after the execution of the councilwoman. The objective of this article is to analyze five statements of this plot, based on the notions of chronotopes and axiology, formulated by Bakhtin, Medvedev and Voloshinov and on the conception of points of view, articulated by scholars of dialogic theory. Due to the sphere of discursive activity, we also make use of theories of communication and culture. We conclude that replicability, searchability and Manichaeism, typical of digital social networks, favor the spread of fake news, hate speech, values and behaviors contrary to the poor, blacks, women, LGBTQIA+ people, ideas and political groups that defend the rights of these segments of society.

**Keywords:** Fake News; Dialogical Theory; Marielle Franco; Defamation; Hate speech.

<sup>1</sup> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3298-3975>. E-mail: [andreamoreiraga@gmail.com](mailto:andreamoreiraga@gmail.com).

<sup>2</sup> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2114-1913>. E-mail: [evangelinab.faria@gmail.com](mailto:evangelinab.faria@gmail.com).

<sup>3</sup> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3324-1882>. E-mail: [chrisbv@outlook.com](mailto:chrisbv@outlook.com).

## Introdução

As “águas de março”, hoje, trazem à tona uma chaga no coração do Brasil. No dia 14 desse mês, em 2018, uma execução ceifou a vida da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), do motorista a serviço dela, Anderson Gomes, e deixou uma única sobrevivente: a jornalista Fernanda Chaves, assessora da vereadora assassinada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Em continuidade, uma avalanche de *fake news* deu início a um processo de difamação da reputação de Marielle, de pessoas, causas e ideias caras à vereadora. Segundo o relatório *Marielle e as Fake News: estudo de difusão de notícias falsas*, publicado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP-FGV), foram 2,14 milhões de menções ao assassinato de Marielle no *Twitter* entre a quarta-feira (14/03, dia do crime) até a meia-noite de domingo (18/03). Embora 73% do total defendessem, 22% atacaram Marielle com um ódio que até hoje reverbera nas redes sociais digitais.

O estudo da FGV evidenciou o vínculo das narrativas difamatórias sobre a vereadora com a polarização na disputa eleitoral de 2018: o conjunto gerou, na época, 156,8 mil postagens a respeito dos presidencialistas. O volume foi considerado significativo pelos estudiosos da Fundação e o teor das postagens também, pois associavam Marielle a cinco atores monitorados: Jair Bolsonaro (na época PSL-RJ), Lula (PT-SP), Michel Temer (PMDB-SP), Manuela D’Ávila (PC do B-RS) e Guilherme Boulos (PSOL-SP). Até sua execução, Marielle Franco era uma liderança regional, cria do Complexo da Maré, composto por 17 favelas, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Graduou-se em Ciências Sociais e fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua militância começou aos 19 anos, depois de perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré. Em 2006, Marielle se tornou assessora do deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL-RJ), e, em 2016, foi a quinta vereadora mais votada da Cidade do Rio de Janeiro, e, na Câmara Municipal, presidiu a Comissão da Mulher.

Para Brum (2019), o assassinato de Marielle revela todo um conjunto de fatores históricos, sociais e políticos que extrapola a escalada da violência no país: “Matar uma vereadora eleita a tiros era um passo além na violência extrema de um país que convive com o genocídio dos jovens negros, com o genocídio de indígenas, como se fosse possível conviver com genocídios sem corromper além do possível o que chamamos de alma” (BRUM, 2019). O caso Marielle Franco expõe outro tipo de “genocídio” que corrompe a “alma brasileira”: o extermínio simbólico de indivíduos e coletividades provocado pelo acesso facilitado e a multiplicação permanente das *fake news*, o que, hipoteticamente, produz o que se pode chamar de “enredo permanente de difamação”. O fenômeno é facilitado pelas próprias características da internet e das redes sociais e pela ação de influenciadores — mídia, políticos, autoridades etc. — que destilam ódio em seus discursos por meio de notícias deliberadamente distorcidas ou inventadas.

O nosso objetivo, com este artigo, é analisar os elementos valorativos, axiológicos presentes nos pontos de vistas (vozes sociais) de enunciadores que dialogam (com o sentido

de confronto e não de consenso) em torno das *fake news* que acabam por constituir um enredo de difamação de Marielle, a trajetória e a vinculações da vereadora. Para tanto, vamos nos deter em cinco publicações disparadas de 14 a 18 de março de 2018: duas publicações individuais, uma publicação da Grande Mídia<sup>4</sup>, uma do *site* de um movimento político e uma de um internauta anônimo. São enunciadores de forte influência social que, além de atacarem a pessoa de Marielle e atingirem seus entes mais próximos, agridem o que ela representa: as mulheres, as pessoas LGBTQIA+, os pobres, os moradores das comunidades periféricas. Além disso, a visão de mundo, causas, projetos, posicionamentos e partidos político-ideológico ligados a Marielle.

Para subsidiar as concepções em torno do que chamamos de “enredo permanente de difamação”, apoiamo-nos nas noções de cronotopo e de pontos de vista, com os aspectos axiológicos neles envolvidos. Tomamos como base a teoria dialógica em intercessão com teorias da cultura, da comunicação, do direito e da política.

### Fundamentação Teórica

Há fortes evidências históricas de que as notícias falsas são um mal tão antigo quanto a existência da humanidade. Os exemplos históricos são incontáveis, contudo, os mais recentes causaram espanto pelo alcance obtido com evolução tecnológica. Um estudo do *Massachusetts Institute of Technology* (2017) revelou que as notícias falsas se difundem seis vezes mais rápido que as verdadeiras pelas trilhas da internet<sup>5</sup>. Com essa velocidade de multiplicação e o alcance planetário, as notícias falsas hoje são consideradas um fenômeno da desordem informacional descrita pela primeira vez no Relatório *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*, do Conselho Europeu (2017)<sup>6</sup>. Essa desordem se desdobra em pelo menos três fenômenos: *misinformation*, a veiculação não intencional de informações equivocadas; *malinformation*, o uso de informações verdadeiras com o intuito de manipular opiniões; e *disinformation*, que compreende informações falsas elaboradas com o objetivo específico de confundir e causar danos (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018). Todas essas ocorrências convergem para um termo “guarda-chuva”, popularizado em 2016, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. Trata-se do termo *fake news*.

---

<sup>4</sup> Grande Mídia ou Imprensa Tradicional é uma expressão usada para designar a mídia (português brasileiro) ou os média (português europeu) de massas, que influencia um grande número de pessoas, refletindo correntes de pensamento dominantes. Disponível em <http://portal.metodista.br/unesco/jbcc/noticias-jbcc/democratizacao-da-comunicacao-o-embate-da-midia-brasileira>. Acesso em: 19 dez. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/noticias-falsas-se-espalham-6-vezes-mais-rapido-que-as-verdadeiras/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/339031969\\_INFORMATION\\_DISORDER\\_Toward\\_an\\_interdisciplinary\\_framework\\_for\\_research\\_and\\_policy\\_making\\_Information\\_Disorder\\_Toward\\_an\\_interdisciplinary\\_framework\\_for\\_research\\_and\\_policymaking](https://www.researchgate.net/publication/339031969_INFORMATION_DISORDER_Toward_an_interdisciplinary_framework_for_research_and_policy_making_Information_Disorder_Toward_an_interdisciplinary_framework_for_research_and_policymaking). Acesso em: 21 dez. 2022.

O então candidato a Presidente estadunidense Donald Trump popularizou o termo ao rotular notícias e opiniões desfavoráveis a si mesmo como “fake news”.<sup>7</sup> Mas Trump apenas inaugurou essa tendência hoje predominante nas disputas político-eleitorais e até mesmo nos confrontos sociais do cotidiano. A desinformação, com as notícias falsas, atualmente constitui uma autêntica epidemia, denominada pela Organização Mundial da Saúde como infodemia<sup>8</sup>. No campo político, o emprego de *fake news* já se transformou até mesmo em uma estratégia de governos e políticos e o modo de implantá-las hoje é produto de exportação fabricados por empresas de atuação multinacional como a Cambridge Analytica (de Steve Bannon) apontado como atuante em 200 eleições pelo mundo afora, inclusive a de 2018 no Brasil (FORSTER *et al.*, 2021). Segundo Forster *et al.* (2021), há evidência de que a manipulação de redes sociais por governos, por exemplo, ocorra em 81 países, segundo dados de 2020 (BRADSHAW *et al.*, 2021, *apud* FORSTER *et al.*, 2021).

O processo de produção, divulgação e recepção das *fake news* é complexo e envolve atividades em boa parte não regulamentadas, muitas vezes ilegais, imorais ou antiéticas. Há grandes contingentes de pessoas especializadas em produzir esse tipo de conteúdo sem qualquer controle dos governos e muito menos de entidades supranacionais (FORSTER *et al.*, 2021). Somente esse particular já favorece a ausência quase total de responsabilização pelos produtos dessa atividade e viabiliza a circulação de enunciados inverídicos e até ofensivos sem qualquer risco para os enunciadores ou aqueles que os contratam. Embora quase sempre clandestina, a produção e divulgação é responsável, conseqüentemente, por ganhos financeiros e políticos condicionados à obtenção de respostas. Forster (*et al.*, 2021) resume o atual cenário: “as baixas barreiras para a produção e compartilhamento de informação e a capilaridade dos recursos de tecnologia da informação fizeram do ambiente digital o centro da arena política na contemporaneidade”<sup>9</sup>.

Por suas características peculiares e sua efervescência, a difusão massiva das *fake news* atrai mais e mais a atenção dos cientistas em diversos campos e um dos desafios é articular os muitos termos e conceitos ligados ao tema. As discussões exigem um esforço multidisciplinar e avançam desde 2017, quando um primeiro estudo sobre o tema entrou na pauta acadêmico-científica (LAZER, 2018). Neste trabalho, a título de definição geral, consideramos *fake news* qualquer tipo de enunciado transmitido por suporte audiovisual que contenha informações falsas ou imagens, áudios e vídeos adulterados, sempre com a intenção de causar dano (MOSCHELLA; WATTS, 2017). Logo, entendemos que o termo *fake news* pode se referir a diversos formatos, desde conteúdo jornalístico fabricado, passando por memes, vídeos, imagens, enquetes digitais e petições *online* (WARDLE, DERAKSHAN, 2018) até os boatos espalhados na internet. E ainda: as *fake news* são vetores frequentes de discursos de

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695>. Acesso em 21 dez 2022.

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/222592-infodemia-entenda-novo-termo-dicionario-lingua-portuguesa.htm>. Acesso em: 21 dez. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3294/5938>. Acesso em 21 de dez 2022.

ódio e intolerância nos meios eletrônicos, sendo esses discursos fruto e expressão de estigmas impostos a grupos ou indivíduos (QUADRADO; FERREIRA, 2020).

O nosso olhar sobre as notícias falsas é fomentado pela concepção da linguagem como fenômeno dialógico, ou seja, fenômeno da linguagem enquanto atividade realizada por sujeitos singulares, heterogêneos, que se constituem na alteridade, com distintas posições valorativas, axiológicas e entonações ou tons emotivo-volitivos<sup>10</sup>. Esses sujeitos singulares são envolvidos por um contexto espaço-temporal cujas interpretações são moldadas por visões de mundo muitas vezes contrastantes (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], pp. 109-146). A respeito desses aspectos, tomamos como base as discussões realizadas, sobretudo entre Volóchinov e Bakhtin.

As relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 92).

De acordo com essa afirmação, os enunciados são um fenômeno complexo e não podem ser examinados só na relação com seus autores, mas como “um elo na cadeia da comunicação discursiva e da relação com outros enunciados a ele vinculados” (BAKHTIN, 2016 [1978], p. 60). Consequentemente, todo enunciado deve ser visto, antes de tudo como uma resposta aos enunciados anteriores, pela qual argumentos são negados, confirmados, completados ou subtraídos (Bakhtin, 2016 [1978]). Para Bakhtin (2016 [1978], p. 59), definitivamente, “a nossa própria ideia – seja ela filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros e isso não pode deixar de encontrar seu reflexo nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento”. Como se vê, nossos discursos não caem no vácuo, mas são respostas a tantos outros. Em outras palavras, os discursos das *fake news* são retornos a outros que se deseja calar, encobrir, emudecer ou promover. A arena da vida é palco para esses embates naturais.

Volóchinov (2019 [1930]) corrobora com esse entendimento ao tratar do funcionamento da linguagem sobre o qual afirma:

Toda expressão linguística das impressões do mundo exterior – tanto as indiretas quanto as que se estratificam na nossa consciência e receberam contornos ideológicos mais precisos e estáveis – sempre está orientada para o outro, para o ouvinte, mesmo que este esteja ausente (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p.267).

---

<sup>10</sup> O tom emotivo-volitivo, segundo Bakhtin (2010, p. 92), é um tom característico que “penetra em tudo que é realmente vivido [...] e reflete a irrepetibilidade individual do momento dado do evento” e assim sinaliza “as raízes da responsabilidade ativa”, ou seja, da participação do sujeito na história. O tom emotivo-volitivo dá vida à palavra e revela um sujeito em construção e em permanente relação com o outro. Seu pensamento nunca está isolado e integra um evento único: o SER.

Ou seja, a responsividade não está condicionada ao diálogo presencial. É um fenômeno inerente à linguagem em sua historicidade, logo, à produção, circulação e interpretação dos enunciados que constituem os intercâmbios na vida cotidiana e na história. Para Volóchinov, é impossível compreender “a construção de um enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p.267). Essa compreensão nos leva a olhar para as *fake news* no fluxo da linguagem e da história e nos interrogamos: Com tal ou qual notícia falsa, que pessoas, objetos e cosmovisões se quer e se pode atingir? O que está por trás da construção de uma *fake news*?

### *Cronotopo*

Cabe nessa discussão, dentre outras, a noção de cronotopo, formulada por Bakhtin para analisar o enredo do romance. Bakhtin (2011c [1979]) postula que a conjunção tempo-espaco confere unidade a qualquer ação, atividade ou obra humana, pois o ser humano se move e age, segundo sua capacidade “[...] de *ver o tempo*, de *ler o tempo*<sup>11</sup>, no todo espacial do mundo e, por outro lado, perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado, mas como um todo em formação, como um acontecimento.” (BAKHTIN, 2011c [1979], p. 225). A noção de cronotopo, em Bakhtin (2015[1975]), constitui, portanto, uma unidade fundamental, porque exprime os elementos essenciais da percepção humana da realidade: espaço e tempo fundidos em um todo concreto que constrói o mundo e, ao mesmo tempo, compõe a base de toda narrativa. No cronotopo, concentram-se: o horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico, apreciativo) em movimento; recortes dos enunciados típicos de dada esfera comunicativa; posições de autoria dos enunciadore e traços dos destinatários dos enunciados em interação.

Nada é estático. Tudo vivo e em transformação, segundo as imprevisibilidades e incertezas do existir. Caso contrário, “ficaremos com um cadáver nu da palavra em nossas mãos, através do qual nada conseguiremos descobrir sobre sua situação social nem sobre seu destino vital” (BAKHTIN, 2015 [1975], p.68). Ao empregar a palavra “cronotopo”, o autor tomou emprestado o termo e inspirou-se no conceito a ele correspondente construído por Albert Einstein no campo da Física, mas sem fazer uma mera transposição. Bakhtin o retoma metaforicamente, assim como ocorre com outros termos das ciências naturais e exatas utilizados em sua obra. Para nós, como para Bakhtin, no caso do cronotopo, não importa o sentido específico da teoria da relatividade: “importa-nos nesse termo, a expressão da inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço)”. (BAKHTIN, 2018 [2012], p.11). Afirma Bakhtin:

---

<sup>11</sup> Grifo do próprio Bakhtin.

Nos cronotopos, atam-se os nós do enredo [...] pertence a eles o significado basilar gerador do enredo [...]. Neles, o tempo adquire um caráter pictórico-sensorial; no cronotopo, os acontecimentos do enredo se concretizam, enchem-se de sangue. Pode-se comunicar um acontecimento, informar sobre ele, oferecer indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização. (BAKHTIN, 2018 [1930], p. 226-227).

O cronotopo bakhtiniano, que aqui consideramos, é “a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (BAKHTIN, 2018 [2012], p.11). No caso do nosso objeto, como foram – e são – assimiladas na produção e circulação dos conjuntos de *fake news*.

### *Axiologia*

Segundo a perspectiva dialógica, a orientação dos enunciados é sempre axiológica, ou seja, baseada nas crenças e valores dos participantes da interação e envolvida por uma atmosfera que Medviédev (2016 [1929], p p.184) chama de “avaliação social”, por ele definida como “essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com abrangência e a plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora” (MEDVIÉDEV, 2016 [1929], p.184). Nessa direção, Medviédev (2016 [1929]) explica que a avaliação social é determinante da fisionomia histórica de cada feito e de cada enunciado. Para ele, existem avaliações mais estáveis e profundas, fruto da situação econômica de uma classe em determinada época, “como se formulassem, nessas avaliações, as grandes tarefas históricas de uma época inteira da vida de um dado grupo social. Outras avaliações estão relacionadas aos fenômenos mais próximos e de curta duração da vida social e, finalmente, com o tema do dia, da hora, do instante” (p. 185). E ele arremata: “É impossível compreender um enunciado sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico” (MEDVIÉDEV, 2016 [1929], p.184). Assim, compreender as *fake news* é ter um olhar para o ideológico que se materializa nesses discursos.

A questão axiológica é considerada central na obra de Bakhtin, em consonância com as discussões sobre a filosofia dos valores, efervescentes no seu tempo. Faraco (2017) ressalta que, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, o tema da axiologia entrou em debate pautado pelos filósofos neokantianos. Com eles, Bakhtin “reconhece a centralidade da axiologia, mas recusa tomar o caminho da abstração teórica [...] Ao contrário: traz esta problemática para o interior do mundo concreto da vida vivida” (FARACO, 2017, p. 52). O próprio Bakhtin explicita o que representa a abordagem axiológica, no caso, relativa ao objeto estético, pois o autor refletia sobre a estética na literatura:

Não é nossa intenção fornecer uma refiguração, uma descrição da arquitetônica real concreta do mundo dos valores realmente vivenciados, não governado por um fundamento analítico, mas com um centro de origem realmente concreto, seja

espacial ou temporal, de valorações reais, de afirmações, de ações, e cujos participantes sejam objetos efetivamente reais, unidos por relações concretas de eventos no evento singular do existir (aqui as relações lógicas não são mais que um momento ao lado dos momentos espaciais, temporais e emotivo-volitivos concretos) (BAKHTIN, 2010, p.123-4).

A partir desses conceitos-chave, Faraco (2017) considera que Bakhtin alinha-se com as tendências filosóficas antirracionalistas que colocam a vida vivida no centro sem, contudo, cair num “irracionalismo de feição biologista, hedonista ou de exacerbado individualismo. Interessa-lhe a vida vivida na perspectiva de uma consciência que age responsável e participativamente” (FARACO, 2017, p. 52).

Com esse olhar participativo e responsável para a vida, Bakhtin afasta toda e qualquer ação-no-mundo – e, portanto, também a interpretação – do que Faraco chamou de “transbordamentos ilimitados de instintos, emoções, desejos” (FARACO: 2017, p. 52). Ao mesmo tempo que vincula, à unicidade do lugar e da visão do indivíduo em relação ao mundo, os aspectos indispensáveis da participação e da responsabilidade sobre o próprio mundo e sua interpretação. Nas palavras de Bakhtin: “Viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsabilmente participante, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir” (BAKHTIN, 2010, p.108). Na compreensão bakhtiniana, o viver torna-se agir responsabilmente a partir de si mesmo, mas em correlação com o outro e se posicionar axiologicamente no diálogo aberto com ele. Deste modo, Bakhtin trata do estético, com todas as especificidades formais, mas enraizado na história e na cultura, o que compreende pensar a vida e as interações a partir de ângulo valorativo.

#### *Pontos de vista*

Vimos que a teoria dialógica se fundamenta na linguagem concebida como um fenômeno constituído de enunciados formulados em intercâmbios dialógicos, axiológicos, valorativos entre os enunciadores. Logo, cada um deles introduz, nos seus enunciados, deslocamentos temáticos e sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, em função dos seus pontos de vista (CUNHA. 2012, p. 28). O diálogo, assim estabelecido, ganha um sentido mais amplo do que aquele que pode ser apreendido apenas a partir do conteúdo, do material e das formas da linguagem tomadas isoladamente.

A perspectiva dialógica nos leva a observar os fenômenos da linguagem a partir das relações de alteridade intrínsecas, constituintes de todo e qualquer ato discursivo. São relações que Bakhtin identificou como integrantes de três momentos fundamentais: “eu-para-mim, o outro para mim e eu para o outro” (BAKHTIN, 2017, p.114), em torno dos quais ocorrem os confrontos entre os valores científicos, estéticos, políticos, éticos e sociais, representados como “vozes sociais”. Essas vozes sociais são os diferentes posicionamentos e pontos de vista em confronto nos enunciados e entre os enunciadores da linguagem e esses embates geram um processo ininterrupto de construção da linguagem que permanece



continuamente inacabada na relação com a situação imediata do intercâmbio comunicativo e com o contexto espaço-temporal, maior: a história e o porvir.

A questão fundamental é que o enunciador tem sempre um interesse, um propósito quando retoma o discurso do outro: apreciar, julgar, reforçar seu ponto de vista, desenvolver o seu discurso, usar como argumento de autoridade, explicar, criticar, refutar etc. A posição em relação ao discurso do outro manifesta-se nas formas de enquadramento dos dizeres do outro, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, na escolha das palavras, nas formulações etc. (CUNHA, 2017, p. 27).

Em consonância com esse entendimento, para interpretar o discurso, a partir de uma abordagem dialógica, cabe-nos perscrutar os posicionamentos axiológicos, os propósitos enunciativos envolvidos na materialidade discursiva em análise, implícitos ou explícitos nos tons emotivo-volitivos, nos modos de nomear pessoas ou acontecimentos e, especificamente, nas maneiras de reportar o discurso alheio. E tudo isso balizado também pelas características específicas da esfera de atividade em que as interações se realizam.

### *Nova Esfera Pública*

A necessidade de interagir e vivenciar experiências características do seu tempo tem levado multidões de sujeitos a se inserirem no ambiente sócio-discursivo da internet, isto é, a cadastrarem seus perfis em muitas interfaces de comunicação, o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *Snapchat* e o *WhatsApp*<sup>12</sup>. Essas plataformas evoluíram a tal ponto, que deixaram de ser apenas um meio de comunicação verbal e hipertextual e passaram a ser, também, verbo-visuais e em tempo real. Com todos esses recursos à disposição, Recuero (2016, p. 18) afirma que essas redes sociais se transformaram efetivamente nas novas esferas públicas, pois, além de proporcionarem a circulação de notícias locais e mundiais e a discussão de temas relevantes na sociedade, permitem o compartilhamento de conteúdo, opiniões e pontos de vistas pessoais.

---

<sup>12</sup> *Facebook* - rede social gratuita que conecta pessoas de várias partes do mundo. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. *Instagram* - rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Tumblr* e o *Flickr* (esses dois últimos, redes sociais de fotos). A partir dele, é possível aplicar filtros (efeitos) e compartilhar com os amigos. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. *Twitter* - rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento. As atualizações são feitas em, no máximo, 140 caracteres. Disponível em: <https://twitter.com/login?lang=pt>. *Snapchat* - aplicativo de mensagens com base de imagens e mensagens instantâneas voltada a celulares Android e iOS. Disponível em: <https://www.snapchat.com/l/pt-br/>. *WhatsApp* - aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. aplicativo de mensagens instantâneas para aparelhos celulares. Disponível em: [https://www.whatsapp.com/?lang=pt\\_br](https://www.whatsapp.com/?lang=pt_br). Acesso em: 18 maio de 2021.

Toda essa amplitude de possibilidades, ao despertar a adesão dos internautas, multiplica as interações e torna as redes sociais um gigantesco suporte na influência das decisões e dos posicionamentos ideológicos. Porém, as interações *on-line* são sempre representações das reações dos internautas, publicadas e compartilhadas no ambiente virtual, já que não há um contato face a face entre os envolvidos. Essa característica possibilita a multiplicação de perfis inventados por enunciadores muitas vezes pagos para publicar conteúdos que alicercem um dado ponto de vista, à custa inclusive de difamar quem pensa diferente. Nesses casos, as relações nas redes sociais na internet se resumem à “construção de perfis de atores” (RECUERO, 2014, p. 131) em torno das quais surge um complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos que merecem atenção.

Na imensa ciberesfera pública, por exemplo, é crescente o clima de polarização e extremismo: em torno de qualquer assunto, formam-se dois ou mais blocos de opinião contrastantes, sem nenhum espaço para mediações, quase sempre sem fundamentação e, rapidamente, com o recurso a ofensas pessoais.

#### *Maniqueísmo, Replicabilidade e Buscabilidade*

A internet banaliza um tipo de maniqueísmo radical que acaba por interditar um autêntico debate de ideias, bloquear o espaço do contraditório e facilitar a mera reprodução de preconceitos. Aferrados às suas crenças, construídas e consolidadas pelos mecanismos de seleção de dados e informação existentes em todas as plataformas digitais, todos se movem discursivamente uns contra os outros e criam um ambiente propício a uma espécie de “maniqueísmo discursivo” (FORSTER *et al.*, 2021). Um fator apontado por Recuero (2017) que permite o trânsito mais rápido dos discursos em permanente contraste, com a supressão do espaço para as grandes reflexões, é a “replicabilidade” dos conteúdos: “Como as interações permanecem no espaço *on-line*, elas são mais facilmente replicadas, e a informação pode circular mais rapidamente” (RECUERO, 2017, p. 14).

Aliada à replicabilidade, a permanência indefinida dos conteúdos garante também um alto índice de “buscabilidade”, ou seja, há os espaços onde as informações são mantidas *off-line* e podem ser encontradas, acessadas e multiplicadas. Recuero (2017) compara essa situação a um ecossistema de produção e reprodução de conteúdo, capaz de provocar interferências com alto risco de danos para as estruturas sociais. Dentre esses danos, Recuero (2017) destaca alguns, com base em Boyd e Ellison (2010): (1) as audiências invisíveis, ou seja, não completamente discerníveis para quem com elas está interagindo; (2) o colapso dos contextos, o que contribui para aumentar o potencial de interações conflituosas; e (3) o borramento das fronteiras entre o público e o privado, o que acaba por ampliar a exposição dos atores sociais, seja aqueles que se expõem seja aqueles que são expostos nas redes sociais digitais (BOYD; ELLISON, 2010; RECUERO, 2017).

Estudos recentes comprovam que a replicabilidade, a buscabilidade e o maniqueísmo retroalimentam os discursos da intolerância, do ódio e da violência na internet.

### *Discurso de Ódio*

Quanto ao conceito de discurso de ódio, ele é complexo e interconectado a outros conceitos como liberdade de expressão, intimidade e privacidade dos indivíduos, direitos das minorias hegemônicas, dignidade da pessoa humana e preservação da identidade de grupos sociais. Brugger (2007) o define como: “O conjunto de palavras que traz o potencial de insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião; ou que tem a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação” (BRUGGER, 2007, p.118).

Segundo Rosenfeld (2001), há pelo menos dois tipos de discursos de ódio: em forma, que são aquelas manifestações explicitamente odiosas; e em substância, a modalidade velada do discurso do ódio; o discurso do ódio em substância pode se apresentar disfarçado por argumentos de proteção moral e social (o que, no contexto de uma democracia em fase de consolidação, como a brasileira - ainda marcada pela reminiscências de uma ditadura relativamente recente - pode provocar agressões a grupos não dominantes). Esse tipo de discurso produz violência moral, preconceito, discriminação e ódio contra grupos vulneráveis e intenciona articuladamente a sua segregação (ROSENFELD, 2001).

Para Butler (2021), a linguagem opressora do discurso do ódio, “é em si mesma uma conduta violenta, que visa submeter o outro, desconstruindo sua própria condição de sujeito, arrancando-o do seu contexto e colocando-o em outro onde paira a ameaça de uma violência real a ser cometida” (BUTLER, 2021, p. 23). O discurso do ódio, nesse caso, emerge da recusa do enunciador compreender os acontecimentos e as vidas que descreve e a injúria é a apenas uma nascente produtora do ódio que não termina quando o enunciado encontra o sujeito objetificado: “Ali, o enunciado instala-se em sua nova morada, um ser agora odiado [...] e ao entrar em comunhão com outros discursos odiosos da comunidade, acaba, de alguma forma, por validá-los, construir sentidos comuns, pelos quais é impossível inclusive definir responsabilidades” (BUTLER, 2021, p.23).

Por isso, enunciadores de ódio são raramente punidos e continuam a inocular violência na sociedade, protegidos também pela impunidade.

### **Metodologia de Análise**

Em busca de identificar o(s) enredo(s) da difamação de Marielle Franco, que até hoje se mantém vivo(s) no ambiente discursivo da internet, tomamos como referência um levantamento conduzido pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em parceria com o jornal O Globo<sup>13</sup>, que descreveu a evolução da “boataria virtual” acerca do caso. Segundo o levantamento, por volta

---

<sup>13</sup> Como ganhou corpo a onda de fake news contra Marielle Franco. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/como-ganhou-corpo-onda-de-fake-news-sobre-marielle-franco-22518202>. Acesso em: 23 mar. 2022.

do meio-dia do 16 de março, começaram a surgir as postagens difamatórias que foram se multiplicando rapidamente. Os jornalistas de O Globo desconfiaram do fato de que a notícia falsa foi replicada nas redes sociais por um conjunto de páginas diferentes, de forma coordenada. Entretanto, não tinham a tecnologia para fazer o mapeamento e pediram ajuda ao Labic.

O Labic produziu um conjunto de dados, conhecido como *dataset*, sobre todas as postagens que associavam Marielle a alguns termos, como ‘bandido’, ‘comando vermelho’, ‘Marcinho VP’, ‘traficante’. Descobriram que existia uma espécie de clonagem de conteúdo feita por páginas completamente diferentes, quase que instantaneamente. Ainda de acordo com o levantamento, no dia 16 de março, o *site* Ceticismo Político fez a primeira publicação às 22h 23min 47seg e o Movimento Brasil Livre (MBL) replicou a mensagem às 22h 24min 11seg. Ao postarem essas publicações de maneira fragmentada, coordenada e simultânea, segundo o Labic, os enunciadores provocam um impacto muito grande nas redes sociais.

Em uma semana, o conteúdo do *site* Ceticismo Político foi compartilhado mais de 360 mil vezes no *Facebook* e, em três dias, a informação divulgada pelo *site*, no *Twitter*, gerou mais de 1 milhão de impressões – número de vezes que a mensagem apareceu na linha do tempo dos usuários do *microblog*. Esse foi o boato de maior repercussão envolvendo a vereadora nas redes sociais. O Labic explica que essa é uma estratégia muito utilizada e eficaz na multiplicação das *fake news*. Isso porque as pessoas que veem a mesma notícia falsa em redes sociais diferentes, ao mesmo tempo, começam a acreditar que aquele conteúdo é verdadeiro. E elas mesmas são impulsionadas a reproduzir o conteúdo.

Para a construção do nosso *corpus*, tomamos como critério a identificação do conjunto de conteúdos falsos sobre Marielle Franco que se manteve acessível e multiplicável na internet. Com esse intuito, fizemos uma pesquisa simples, no *site* de buscas *Google*, com as *hashtags* “Marielle+fake news+4 anos depois”. Foi surpreendente constatar que, com apenas um clique, encontramos todas as *fake news* apontadas no estudo como deflagrações da difamação da vereadora. Verificamos que é possível até mesmo refazer a cronologia e observar o fio discursivo, o sentido geral, do enredo da difamação de Marielle Franco. O nosso recorte se constitui de cinco postagens: uma, produzida e publicada por uma autoridade do Poder Judiciário; outra, por uma liderança política expressiva; a terceira, por um jornal de grande circulação nacional; a quarta, por um *site* de ultradireita e a quinta, postada por um enunciador anônimo.

Chamou-nos a atenção o fato de que as postagens acima identificadas se enquadram respectivamente como episódios de *malinformation* (as duas primeiras); *misinformation* (a terceira); *disinformation*, (a quarta e a quinta). Além disso, os quatro primeiros enunciadores são formadores de opinião (nos campos da política e da comunicação social). Logo, a sociedade lhes confere autoridade para falar e dizer. Com base nessas primeiras observações, entendemos que um avanço importante na interpretação desse conjunto seria compreender os valores, as possíveis motivações desses enunciadores que alcançaram a adesão de tantos internautas. Esse objetivo nos levou a aprofundar as noções de ponto de vista e de cronotopo,

fundamentadas na teoria dialógica, e explorar as características da internet e das redes sociais que contribuem para a multiplicação dos conteúdos. Também nos conduziu às discussões sobre o maniqueísmo e o discurso do ódio nas redes sociais digitais.

Neste artigo, o nosso caminho de investigação se pavimenta na intercessão dos campos da Análise Dialógica de Discurso (ADD), da Linguística, da Comunicação Social, do Direito e da Política. E não poderia deixar de ser, tendo que, a linguagem é construída por elementos que se tornam objetos de estudo de várias disciplinas. O esforço de articular esses aportes teóricos, em um percurso analítico, é facilitado pelas pistas encontradas no conjunto da obra de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Um desses percursos é sugerido por Volóchinov em seus ensaios sobre a linguagem, o enunciado e a palavra (2019 [1929]) e recomenda observar: o contexto mais amplo e aquele da situação do intercâmbio comunicativo que temos diante de nós; a hierarquia estabelecida entre os participantes da interação; as entonações empregadas pelos enunciadores e suas escolhas lexicais.

### **Análise dos enunciados**

Antes de proceder à análise de cada um dos enunciados, é importante contextualizar o tempo e o espaço nos quais eles emergiram.

Era março de 2018 e o Brasil já se encontrava em franca corrida eleitoral, considerando que as campanhas presidenciais normalmente evoluem com uma antecedência mínima de um ano. E não era uma campanha qualquer. Tratava-se da sucessão do mandato de dois anos de governo de Michel Temer (PSDB-SP), alçado à Presidência do Brasil após o *impeachment* de sua antecessora, Dilma Rousseff, a primeira mulher a ocupar esse cargo no País e depois de três governos encabeçados pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Frequentemente interpretado como um “golpe parlamentar”, esse episódio foi forjado a partir da acusação de “pedaladas fiscais” (crime de responsabilidade), cujo processo resultante foi extinto por falta de provas seis anos depois<sup>14</sup>. Fato é que o *impeachment* de Dilma Rousseff foi articulado pelas forças e partidos políticos que haviam tentado vencer as eleições presidenciais de 2014, com a candidatura de Aécio Neves (PSDB-MG). Foram as mesmas forças que fizeram pressão que o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT-SP) fosse preso, quando se preparava para disputar outra vez o voto dos brasileiros, com chances reais de voltar a presidir o Brasil.

Internacionalmente, o momento era de profunda crise da democracia liberal e representativa. Naquele período, o projeto democrático vinha sendo crescentemente contestado porque associado a fracassos econômicos e escândalos de corrupção, farta e, muitas vezes, distorcidamente divulgados pela Grande Mídia. Logo, a corrida eleitoral de 2018 no Brasil era considerada decisiva. Conseqüentemente, o cenário era de intensos conflitos valorativos, determinantes de uma nítida divisão entre vozes sociais conservadoras e

---

<sup>14</sup> Disponível em <https://buzzfeed.com.br/post/dilma-rousseff-inocentada-pedaladas-trf-2>. Acesso em: 21 dez. 2022.

defensoras da concentração de renda e poder nas mãos de uma elite e vozes sociais progressistas e comprometidas com a busca por uma maior distribuição de renda e a promoção dos direitos sociais.

Nesse contexto, o assassinato físico e simbólico de Marielle Franco, uma mulher, lésbica, negra e de origem pobre, em si mesmo, já é um ato discursivo que faz “ouvir” vozes sociais contrárias ao intercâmbio pacífico e respeitoso entre cosmovisões opostas. Vozes que promovem uma cultura de morte, na qual quem não detém o poder político e a posse de muitos bens materiais é colocado em uma “zona de risco” de ser socialmente excluído ou eliminado. Assim condicionados, os enunciadores dialogam com escassas possibilidades de convergência e amplas chances de adotarem valores não necessariamente construtivos, propulsores de sentimentos de ódio e gestos de violência. No caso de Marielle, uma violência que lhe tirou a vida e o direito à uma memória construída a partir dos fatos que constituíram sua trajetória política e sua atuação como parlamentar e cidadã.

### *Dos enunciados*

Os primeiros enunciados mais acessados e compartilhados, que associavam Marielle ao tráfico, surgiram no dia 16 de março, às 17h, quando o *site* da Folha de São Paulo (FSP) publicou a seguinte manchete: “Desembargadora diz que Marielle estava engajada com bandidos e é 'cadáver comum’”.

Figura 1 – Coluna da jornalista Mônica Bérghamo comenta postagem sobre Marielle



A enunciatória, a jornalista Mônica Bérghamo confere destaque e atrai a atenção do público destinatário para outro enunciado: uma postagem da desembargadora Marília de Castro Neves, do TJ-RJ, personagem até então desconhecido na esfera pública nacional. Ao formatar a manchete para atrair cliques e leitores, Bérghamo atribui uma afirmação de peso a um sujeito revestido de autoridade, logo, hierarquicamente superior, no caso, uma desembargadora, que faz duas afirmações comprometedoras: a primeira, que Marielle estava

engajada com bandidos; a segunda, de que o corpo da vereadora é ‘cadáver comum’. Vale salientar que, quando a colunista destaca o ponto de vista da desembargadora e, no texto jornalístico não abre espaço para o contraditório, assume, com a FSP, uma tendência na cobertura do caso: associar Marielle à bandidagem.

Esse primeiro enunciado em análise mostra como as publicações da Grande Mídia serviram de “iscas”, termos e expressões favoráveis à buscabilidade e à reprodutibilidade das *fake news*, que surfavam na credibilidade de veículos de ampla divulgação, *sites* de notícias, ativistas e lideranças sociais e políticas, celebridades e até agências de checagem. Moretzsohn (2018) analisa o resultado do tratamento editorial – que, por sua forma característica, é fundamentalmente, valorativo, axiológico – dado àquela situação pela imprensa tradicional: “[...] os boatos ganharam uma dupla legitimação: pelo status de quem passou a espalhá-los e pelo comportamento acrítico de uma imprensa que não cessa de descumprir sua promessa, permanentemente reiterada, de ser um antídoto às *fake news*” (MORETZOHN, 2018, p. 2).

Ao isentar de crítica o ponto de vista da desembargadora, a Folha de São Paulo “autoriza”, isto é, confere autoridade à enunciadora de dizer que Marielle estava “engajada” com bandidos e de considerar que, exatamente por isso, ao morrer, não deveria ser alçada à condição de vítima, mas encarada como um “cadáver” qualquer, de quem foi morto por ter se envolvido com a ilicitude, a “bandidagem”. E como essa figuração de Marielle como “bandida, entre os bandidos” é *fake*, a Folha de São Paulo, neste caso, dá voz, dissemina o falseamento da verdade.

A publicação com destaque desse enunciado vem de encontro à busca permanente da Grande Mídia e dos veículos de comunicação considerados alternativos a ela. Trata-se da busca pela “noticiabilidade” que se concretiza no empenho de noticiar aquilo que transmite determinados “valores-notícia”, ou seja, aquilo que vale ser noticiado (PENA, 2005; SOUSA, 2005, 2002; TRAQUINA, 2005). Os assuntos ligados ao caso passam, portanto, a ser explorados por um viés que sempre captura a atenção do público: a marginalidade, a ilicitude, aquilo que é fora da lei”, aqueles que estão na “marginalidade”, à margem, porque ameaçadores ou contrários ao que é legal, estável e seguro para a sociedade.

Além da Grande Mídia, outros veículos no ambiente da comunicação na disputa pelos cliques são os *blogs* e *sites*, por meio dos quais circulam as opiniões de especialistas e segmentos sociais específicos como os partidos políticos e os movimentos sociais, com suas vozes frequentemente em confronto, em oposição. Embates marcados pelo maniqueísmo do “nós estamos do lado do bem” e “eles estão do lado do mal”. Valendo-se da manchete da FSP, o *site* Ceticismo Político repercutiu, com uma abordagem opinativa, o texto de Mônica Bergamo: “Desembargadora quebra narrativa do PSOL e diz que Marielle se envolvia com bandidos e é ‘cadáver comum’”.

Figura 2 – Postagem do *site* de direita, Ceticismo Político



Ao mesmo tempo que reverbera a notícia da Folha de São Paulo, esse enunciado expõe o enquadramento editorial, a posição axiológica a partir da qual o *site* Ceticismo Político vê e interpreta o mundo. A voz deste *site* promove os valores conservadores e se contrapõe aos valores progressistas. Ao usar a expressão “quebra a narrativa”, o enunciador eleva a desembargadora à condição de quem está com a verdade quando contradiz, quando rompe, quando quebra algo que, embora estabelecido, seria contestável, desmontável por uma voz contrária.

Isto é, a desembargadora, com sua posição de superioridade na hierarquia social e sua voz ratificada pela natureza de seu trabalho, teria autoridade até mesmo para destruir a narrativa do PSOL (um partido da esquerda), independente dela ter sido sustentada e continuar sustentável. Marília Neves contesta a forma como a esquerda trata a execução da vereadora: como um crime político, um tratamento que elevou Marielle Franco à condição de um ícone e uma voz de resistência contra a injustiça social no mundo inteiro.

O *link* da publicação também foi divulgado na página do *site* no Facebook às 18h23 do dia 16 de março, e quatro horas mais tarde, às 22h24, foi compartilhado pela página do Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>15</sup>. Quando comprovada a participação do MBL na difamação de Marielle, o *site* daquele Movimento chegou a ser momentaneamente retirado do ar por ordem judicial.

<sup>15</sup>O Movimento Brasil Livre (MBL) se define como um movimento comprometido com o “liberalismo como a filosofia política orientadora da atuação do Estado no Brasil” (<https://mbl.org.br/>). Nascido após as manifestações de junho de 2013, tem, dentre seus patrocinadores, empresários como Alessandro Mônaco Ferreira e Carlos Augusto de Moraes Afonso (conhecido como Luciano Ayan), apoiadores da campanha de Jair Bolsonaro (<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/07/10/operacao-juno-moneta-pessoas-ligadas-ao-mbl-presas.htm>). Acesso em: 09 maio 2022.

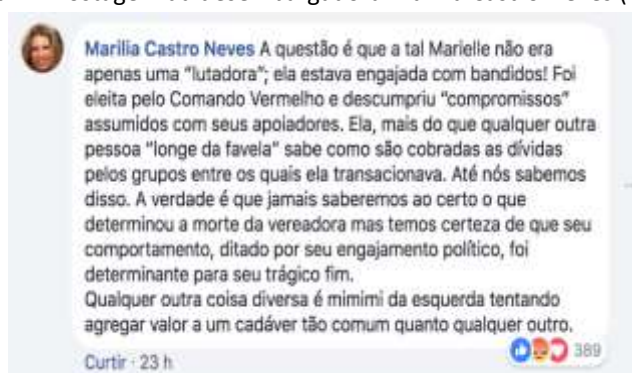


Figura 3 – Reportagem sobre a participação do MBL na difamação de Marielle Franco



Na postagem propriamente dita, com um tom sarcástico, a desembargadora Marília Neves desqualifica o gesto e o discurso da “esquerda” na sua iniciativa de valorizar e homenagear Marielle *post-mortem*: “Qualquer outra coisa diversa é mimimi da esquerda tentando agregar valor a um cadáver tão comum como qualquer outro”. A expressão “mimimi” é usada na comunicação informal (muitas vezes pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro<sup>16</sup> e pelos bolsonaristas<sup>17</sup>) para descrever reclamações pouco ou não justificáveis; o “mimimi”, no glossário da direita, tem uma conotação pejorativa, sendo frequentemente utilizado para satirizar alguém que passa a vida se vitimando. No caso das mulheres da direita no Brasil, o “mimimi” é atribuído por elas também à suposta vitimização promovida pelas feministas da esquerda (KALIL, 2018).

Figura 4 – Postagem da desembargadora Marília Castro Neves (TJ-RJ)<sup>18</sup>.



<sup>16</sup>‘Chega de frescura, de mimimi’. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>. Acesso em: 08 abr. 2022.

<sup>17</sup>Glossário Bolsonaro. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/politica/jair-bolsonaro/glossario/>. Acesso em: 08 abr. 2022.

<sup>18</sup> Desembargadora diz que Marielle estava envolvida com bandidos e é cadáver comum. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/03/desembargadora-diz-que-marielle-estava-envolvida-com-bandidos-e-e-cadaver-comum.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Marília Neves comete outra agressão à pessoa de Marielle Franco ao se referir ao corpo da vereadora executada como “cadáver”, palavra frequentemente empregada no noticiário sensacionalista, impactante pela superexposição da violência com a publicação de fotos e detalhes chocantes sobre acontecimentos e a utilização de uma linguagem composta por gírias e palavrões (AMARAL, 2005, p. 2). Ao empregar o termo “cadáver”, a desembargadora nivela sua fala pelos enunciados circulantes na porta das cadeias e dos Institutos de Medicina Legal do país, o que destoa de sua responsabilidade e posição social.

O perfil pessoal da desembargadora Marília Neves converge para a categoria de mulheres da nova direita brasileira (KALIL, 2018). As chamadas “bolsogatas” ou “bolsolindas” são frequentemente profissionais bem-sucedidas e bem remuneradas em diversas áreas e têm um lema: “sou feminina, mas não sou feminista”. A desembargadora se coloca em uma posição hierárquica superior à medida em que menospreza Marielle e chama a vereadora de “a tal Marielle”, além de afirmar: “ela, mais do que qualquer pessoa longe da favela, sabe como são cobradas as dívidas pelos grupos com os quais ela transacionava”. E chega a atribuir o “trágico fim” (a execução) de Marielle ao “comportamento” da vereadora, “ditado por seu engajamento político” que a teria levado para a zona de risco da marginalidade.

Nos enunciados da desembargadora Marília Neves, observa-se a voz social do preconceito de classe e do racismo que leva os mais abastados, brancos e moradores dos bairros onde predomina a elite financeira das cidades a tratarem com superioridade e desprezo os pobres, negros e favelados.

Em paralelo ao ato discursivo da desembargadora, o deputado federal Alberto Fraga (União Brasil-DF), tuitou o seguinte enunciado: “Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex-esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem matou foi a PM” (sic).

Figura 5 – Tuíte postado pelo deputado federal Alberto Fraga (União Brasil-DF)<sup>19</sup>



<sup>19</sup> Apagado do Twitter, após repercussão. Foto: Reprodução/Twitter. Disponível em <https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/marielle-engravidou-aos-16-foi-casada-com-o-trafficante-marcinho-vp-ignorava-as-mortes-de-policiais-nao-e-verdade.ghtml>. Acesso em: 19 mar. 2022.

O tom da ironia predomina no enunciado difamatório de Marielle tuitado pelo deputado. Ao apresentar a vereadora, Fraga usa esse recurso estilístico no convite ao destinatário: “Conheça o novo mito da esquerda”. Do modo como foi empregada, mas sobretudo pelo sentido geral da postagem, a palavra “mito”, no enunciado, assume o sentido negativo de “fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real” (GIRARDET, 1987, p. 13). A frase “Conheça o novo mito da esquerda” alerta para um novo elemento que a “esquerda” teria infiltrado na sociedade brasileira. Portanto, o enunciador se posiciona do lado contrário, da direita.

Quando o deputado Alberto Fraga destaca que Marielle teria engravidado aos 16 anos, usa uma informação falsa que vai ao encontro de um conjunto de valores que permeiam o ambiente axiológico da ultradireita do Brasil. A suposta gravidez na adolescência da vereadora é apontada no enunciado de Fraga com desprezo e vem associada inclusive à criminalidade, como se fossem duas questões próximas ou correlatas. Isso porque, no caso, não é qualquer gravidez na adolescência (por inocência, descuido ou despreparo), é uma gravidez em uma garota de 16 anos da periferia. Logo, conforme a visão conservadora das práticas sexuais, poderia ser consequência de um relacionamento permissivo (para não dizer “imoral”). E teria sido esse fator a levar a vereadora a se “casar” com um traficante.

Marielle ainda é apresentada por Alberto Fraga como contraventora: supostamente cúmplice de bandido e usuária de maconha. É importante salientar que, ao colocar esses dois elementos em relação, Fraga adota uma orientação axiológica que associa o tráfico de drogas e a criminalidade exclusivamente aos moradores das favelas. A posição de Fraga reforça o alijamento e o sentimento de exclusão de uma parcela da população brasileira já vitimada pela miséria, violência e segregação de teor subjetivo e simbólico, expressa em discursos criminalizantes e estigmatizadores com intensa colaboração da mídia (CARVALHO, 2020). “Maconheiros” e “traficantes” aparecem juntos e assim chamados nas narrativas policiais classificadas como sensacionalistas que integram o universo discursivo do ex-coronel policial e defensor do cidadão comum armado contra os seus semelhantes.

Quanto à autoria da execução de Marielle, duas outras teses sem consistência foram apresentadas pelo deputado: a vereadora teria sido morta por servidores da câmara demitidos por Marielle ou pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Ambas, acusações comprometedoras, pelo fato de terem sido feitas por um coronel da reserva da PM do Distrito Federal (DF), liderança política e formador de opinião com influência ratificada pelo voto popular. Segundo os registros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), nas eleições de 2014, Alberto Fraga foi o deputado federal mais bem votado do DF. Ocupou uma cadeira no Congresso Nacional por quatro mandatos, nos quais se destacou como um dos expoentes da

“bancada da bala”<sup>20</sup>, termo hoje internacionalmente usado para se referir à frente parlamentar brasileira que defende o armamento civil (LAPPER, 2022).

Fraga chegou a retirar sua postagem ofensiva a Marielle, mas não porque foi penalizado ou sofreu qualquer tipo de reprimenda oficial. E nesse clima de impunidade, três dias após o assassinato de Marielle e Anderson, no horizonte aberto das redes sociais, elevou-se uma nova onda de *fake news*. O enunciado gerador foi uma foto de uma mulher de longos cabelos cacheados, sentada no colo de um homem em ambiente que se parece com um bar, começou a circular no *Whatsapp* e em grupos do *Facebook*. O texto que acompanhava a imagem afirmava que aquela era Marielle e que o homem seria o traficante Marcinho VP15.

Figura 6 - Suposta imagem de Marielle e Marcinho VP e o comentário malicioso



Em uma simples busca na ferramenta de rastreamento de fotografias do *Google*, o *blog e-Farsas* descobriu a fonte original: a página do usuário Ktaputas no *Fotolog*, antigo serviço de publicação de imagens. Originalmente publicada em 2005, a foto aparecia na página do usuário acompanhada da afirmação de que teria sido tirada três anos antes, no Rio Grande do Norte, em um local conhecido como “Cabaré da Jaqueline”. Nenhuma das duas pessoas presentes na foto se parece com Marielle ou com um dos dois traficantes conhecidos pela alcunha de Marcinho VP.<sup>21</sup>

No enunciado verbo-visual dessa notícia falsa, encontram-se as formas mais explícitas e agressivas de discurso do ódio contra Marielle do conjunto aqui analisado (ROSENFELD, 2001; FREITAS; CASTRO, 2013; QUADRADO; FERREIRA, 2020). Além de acusar Marielle de se envolver com bandidos (sem provas), irônica e sarcasticamente, o enunciador xinga a vereadora de “santa”, no contexto, adjetivo correspondente a “puta”, pois, em seguida, vêm os sinônimos para o xingamento: “vadia” e “piriguete”; também adjetiva os simpatizantes da

<sup>20</sup> Homem que apareceu em foto com Bolsonaro é Alberto Fraga, não ‘Aristides’. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/alberto-fraga> Acesso em: 08 abr. 2022.

<sup>21</sup> Marielle Franco pousou para uma foto no colo de Marcinho VP? Disponível em: <https://www.e-farsas.com/marielle-franco-posou-para-uma-foto-no-colo-de-marcinho-vp.html>. Acesso em: 08 abr. 2022.

vereadora de “alienados dementes”. Aqui, o vocabulário de ódio ataca diretamente a dignidade da vereadora e seu grupo social.

Aqueles que se enquadram nas mesmas características de Marielle são também atacados pelo discurso odioso, são atingidos pela discriminação e se constituem vítimas pelo fato de serem pertencentes ao grupo social ofendido, caracterizando, assim, um processo de vitimização difusa. E, no caso, intensa porque, apesar da mais completa incoerência, essa postagem “viralizou”.

A foto é um concentrado visual da avaliação do enunciador a respeito do ambiente social das comunidades: insólito, obscuro, decadente. Na imagem, pouco nítida, mal capturada, aparece uma mulher vestida com um *short* e um *top* curtos, de chinelos, desalinhada e sentada no colo de um homem em trajes informais, de aparência um pouco mais cuidada, braço esticado, relógio de pulso. Na parede, ao fundo, remendos, manchas de sujeira e umidade. O chão, de cimento aparente e sobre a mesa de montar, em ferro azul, cerveja e copos. A atmosfera é de um “inferninho” qualquer, onde a bebida, sexo e drogas, hipoteticamente, são facilmente encontrados.

O núcleo central dos enunciados calcados no ódio são as acusações falsas de que o motivo da execução de Marielle teria sido o descumprimento de compromissos com as organizações criminosas que teriam apoiado a campanha da vereadora.<sup>22</sup> Reforçariam esta ligação a notícia falsa de que Marielle engravidou do traficante Marcinho VP, o que foi inteiramente desmentido. Dois traficantes ficaram conhecidos pela alcunha: um deles, que foi retratado no livro “Abusado”, do jornalista Caco Barcellos, morreu em 2003 e não teve nenhum relacionamento com a vereadora. O outro, Márcio dos Santos Nepomuceno, na época, estava preso e desde 1997. Ou seja, antes de ser capturado, Marielle tinha apenas 17 anos e não foi casada com o traficante da Zona Norte. O pai da única filha de Marielle, Luyara, é Glauco dos Santos. Além disso, a vereadora era lésbica e vivia com sua companheira, a arquiteta Mônica Benício<sup>23</sup>.

É igualmente inconsistente a afirmação de que Marielle “morreu porque tinha envolvimento com bandidos” e foi eleita pelo Comando Vermelho. Basta analisar os percentuais da votação obtida pela vereadora. Marielle Franco recebeu 40% dos votos da

---

<sup>22</sup> O **Comando Vermelho Rogério Lemgruber**, mais conhecido como **Comando Vermelho** e pelas siglas **CV** e **CVRL**, foi criada em 1979 no Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro. E tem, como fundadores, “chefes do tráfico” que se tornaram notórios em todo o País, depois que foram presos e passaram a comandar essas facções dos presídios. Dentre eles, estão: Rogério Lemgruber, William da Silva Lima, o “Professor”, Luiz Fernando da Costa, o “Fernandinho Beira-Mar”; Márcio dos Santos Nepomuceno, o “Marcinho VP”, a quem o nome de Marielle foi posteriormente associado em outra notícia falsa. O CV possui ramificações em diversos estados brasileiros como Acre, Amapá, Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso, Pará, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima e Tocantins. Daí a numeração, 3º Comando... E, segundo o enunciador, Marielle estaria protegendo justamente esse que teria financiado a campanha dela. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/traficonorio/faccoes-cv.shtml> Acesso em: 05 abr. 2022.

<sup>23</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/15/politica/1534340777\\_908387.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/15/politica/1534340777_908387.html). Acesso em: 08 abr. 2022.

Zona Sul, Leblon e Copacabana, e da Barra da Tijuca. Os locais em que ela recebeu a maior votação foram Laranjeiras (2.237) e Jardim Botânico (1.926), portanto, fora das “comunidades”<sup>24</sup>. O sucesso eleitoral da vereadora na Zona Sul foi alcançado também pela vinculação dela ao deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL-RJ), preferido por eleitores de classe média e média alta, a elite carioca.

Essa constatação se evidenciou na reação desse público às *fake news* difamatórias. Artistas, intelectuais, famosos lideraram correntes de contestação, de acordo com o estudo de difusão de notícias falsas no caso Marielle, publicado pela FGV. Na cidade do Rio de Janeiro, onde a vereadora era conhecida, a maior parte dos moradores, de todos os quadrantes e classes sociais, reagiram em cadeia contra as *fake news* difamatórias. Isso é o que também confirmou a pesquisa de opinião realizada naqueles dias na cidade pelo Datafolha em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.<sup>25</sup>

Mas as notícias falsas difamatórias de Marielle Franco, como todas com semelhante propósito, não circulam somente no ambiente no qual o difamado tem sua fama de certa forma protegida pelo fato de ser conhecido. Vão ao infinito e além...seguramente, porque são poucos os detalhes reveladores dos fatos distorcidos e, para detectá-los, são necessários muitos fatores, a começar por uma percepção aguçada e pelo conhecimento de inúmeros elementos de linguagem.

Em estudo recente, Melo (2021) analisou 7.000 notícias falsas e concluiu que a regra geral na construção desse tipo de enunciados é justamente a simplicidade temática e o emprego de frases mais curtas, com menos palavras, sílabas e letras. Nas escolhas lexicais das *fake news* que difamaram e ainda difamam Marielle Franco, em vez de conectar diferentes assuntos, percebe-se que todas elas centraram o discurso praticamente nos mesmos.

Como na linguagem empregada na publicidade, no *marketing* e até mesmo no jornalismo, a repetição pode ser um recurso ao engajamento e eficácia no caso das notícias falsas (PISTORI, 2014). O mesmo se pode dizer da informalidade, da familiaridade como padrão de linguagem com a qual os enunciadores parecem se dirigir aos destinatários. Dirigir-se ao outro usando códigos já conhecidos e familiares a ele aumenta a probabilidade de ser, no mínimo, compreendido e acreditado pelos destinatários. Dos mais próximos, os enunciadores certamente esperam sempre uma resposta de adesão, com o repasse de suas narrativas. Já aquela, da história, poderá lhes ser desfavorável...

Além de tudo, há uma máxima, no campo da linguagem, objeto de uma parábola difundida em praticamente todas as culturas do planeta: “É impossível recolher ‘penas ao vento’”. Moral de uma história que frequentemente é recontada e aqui resumimos:

Em um tempo e lugar distantes, um jovem levantou falso testemunho. Inventou uma história repleta de meias verdades sobre uma pessoa inocente. A notícia falsa se espalhou rapidamente e começou a prejudicar a vítima. Todos enxergavam apenas

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.farmi.pro.br/marielle-franco/> Acesso em: 08 abr. 2022.

<sup>25</sup> Disponível em <https://www.geledes.org.br/majoria-recebeu-noticia-falsa-sobre-marielle-mas-nao-acredita-no-que-leu/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

a metade verdadeira e deduziam o resto, a outra metade inventada... pura mentira. Ao ver os danos causados, o jovem se arrependeu e procurou um velho sacerdote. Diante da confissão, o sacerdote perguntou se o difamador estava arrependido. O jovem respondeu que sim e que inclusive já havia pedido perdão à pessoa injustamente acusada. O sacerdote sugeriu ao jovem que, como penitência, soltasse ao vento as penas de um travesseiro do cume de uma montanha e descesse à planície para recolhê-las. Depois, o jovem estaria absolvido do pecado cometido. O jovem retrucou que seria impossível cumprir a penitência, com o que o sacerdote concordou, e esclareceu que, a difamação provocada ficaria pairando para sempre, como aquelas penas ao vento. Recomendou ao penitente que pensasse muito bem antes de falar novamente contra algo ou alguém. Pela absolvição, pediu ao jovem que pronunciasse uma oração por uma a uma das penas espalhadas.<sup>26</sup>

Não é preciso dizer que o jovem teve de orar até a eternidade.

### Considerações finais

A análise das notícias falsas sobre Marielle Franco evidencia a condição que adquire todo tipo de enunciado na internet, inclusive as *fake news*: de permanecer ativo e, no caso em questão, de manter seu propósito e sua condição de enganar, manipular e difamar. Mesmo quando são retiradas de determinada plataforma, as notícias falsas podem ser localizadas em algum outro espaço digital, reproduzidas e multiplicadas exponencialmente.

Desse modo, recriam enredos que as transforma em armas potentes de ódio e difamação nas disputas discursivas instaladas nessa nova e ampla esfera pública. A reprodutibilidade e a buscabilidade dos conteúdos, características dessa esfera de atividade, propiciam aos enredos um alcance de tempo e espaço sem limites. E essa condição se ampara no empenho de se preservar a liberdade total de expressão no vastíssimo território da rede mundial de computadores.

Nas *fake news* que deflagraram a difamação de Marielle Franco, a partir de uma abordagem dialógica, constatamos a predominância de pontos de vista marcados pela ironia, a violência, preconceitos e agressões que alimentam a polarização discursiva intensificada na disputa pelo voto dos brasileiros em 2018. A orientação axiológica do conjunto das notícias falsas analisadas reafirma os valores da direita brasileira que se exprime com um traço retórico bastante comum: a instrumentalização do discurso do ódio contra as minorias hegemônicas.

No caso Marielle Franco, no plano da linguagem, fator axiológico se verifica na posição hierárquica de superioridade em que se colocam os difamadores em relação aos difamados. Igualmente nas entonações e palavras escolhidas para difamar. As marcas de homofobia, misoginia, racismo, aporofobia se mostram explícitas ou implícitas na linguagem utilizada pelos enunciadores, inclusive protegidos por suas posições sociais ou seu anonimato.

O ódio destilado nos enunciados vem gerando uma violência discursiva sem precedentes na história, com pouca ou nenhuma possibilidade de reversão na internet que se

---

<sup>26</sup> Disponível em <https://www.raciociniocristao.com.br/2017/01/penas-ao-vento/> Acesso em: 22 dez. 2022.

mantém como um território praticamente sem lei ou controle social. Pela difamação de Marielle, a desembargadora Marília Neves chegou a ser condenada a indenizar a família da vereadora em 2020. No mesmo ano foi eleita pelos pares para assumir uma cadeira no Órgão Especial da Corte do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

O órgão para o qual a magistrada foi eleita é composto por 25 desembargadores que, entre as atribuições, é responsável por julgar autoridades com foro privilegiado. Os colegas juízes demonstraram ignorar as calúnias de Marília Neves contra Marielle Franco, além das ofensas contra uma professora e um pedido de fuzilamento de um deputado publicados pela desembargadora na internet também em 2018<sup>27</sup>.

Naquele ano, os enunciados ofensivos daquela autoridade jurídica talvez tenham se perdido no meio de tantos outros que superpovoaram o ambiente discursivo de uma sociedade em agudo conflito de valores. O Brasil se encontrava em uma autêntica “guerra de cosmovisões”, acentuada justamente com a participação efusiva de figuras referenciais para a sociedade, dentre as quais, o próprio candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro (então PSL-RJ), além de seus aliados e seu eleitorado.

Esperamos que casos como o de Marielle e outras vítimas de violência física e simbólica sejam elucidados e não se repitam. Que a punição exemplar de difamadores e assassinos ajude a combater esse tipo de crime no Brasil. Para tanto, ocorre promover uma mobilização contínua. Dela, já resultou a determinação judicial de que os provedores das conexões têm de fornecer dados pessoais dos usuários que publicaram material ofensivo à honra e à memória da vereadora<sup>28</sup>.

Avanços como este resultam das marés de manifestantes nas ruas e do trabalho de intelectuais e cientistas militantes que, mundo a fora, transformaram em expressão de resistência, o *slogan*: “Marielle, presente!”. Este artigo é uma nossa pequena contribuição para reforçar essa “presença”.

## Referências

AMARAL, M. F. Sensacionalismo, um conceito errante. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, 2005.

BAKHTIN, M. A Forma Espacial do Personagem. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*, p. 23-90. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes; 2011b.

---

<sup>27</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/20/politica/1521561716\\_720743.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/20/politica/1521561716_720743.html). Acesso em: 08 abr. 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2021-11/stj-provedor-deve-fornecer-dados-de-quem-atacou-marielle-na-internet#:~:text=A%20Quarta%20Turma%20do%20Superior,que%20foi%20assassinada%20em%202018>. Acesso em: 08 abr. 2022.



BAKHTIN, M. O Tempo e Espaço nas Obras de Goethe. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*, p. 225-258. São Paulo: Martins Fontes, 2011c.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2017 [1923].

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I. A Estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II. As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

BARCELLOS, Caco. *Abusado, o Dono do Morro Dona Marta*. São Paulo: Record, 2013.

BERGAMO, M. *Desembargadora diz que Marielle estava envolvida com bandidos e é cadáver comum*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/03/desembargadora-diz-que-marielle-estava-envolvida-com-bandidos-e-e-cadaver-comum.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, - Mediated Communication Indiana, v. 13, n. 1, Oct. 2007.

BRUGGER, W. Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Direito Público, [S. l.]*, v. 4, n. 15, 2010.

BRUM, E. Quem mandou matar Marielle? E por quê? Bolsonaro, que governa o Brasil pela administração do ódio, deveria ser o maior interessado em desvendar o crime. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039\\_897963.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039_897963.html). Acesso em: 19 de mar. 2022.

CUNHA, D. A. C. da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Investigações*, v. 25, n. 2, 2012.

CUNHA, D. A. C. Um olhar sobre vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no Jornal Nacional da Rede Globo. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, 2017.

FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 45-56, Maio/Ago. 2017.

FORSTER, R.; CARVALHO, R. M. de; FILGUEIRAS, A.; AVILA, E. *Fake News: O Que É, Como Se Faz e Por Que Funciona?* [Manuscrito]. Scielo Preprints, 2021.

FREITAS, R. S. de F.; CASTRO, M. F. de. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. *Sequência (Florianópolis)*, n. 66, p. 327-355, 2013.

Fundação Getúlio Vargas. *Marielle e as Fake News: estudo de difusão de notícias falsas*. FGV, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/publicacao/marielle-e-fake-news-estudo-de-difusao-de-noticias-falsas/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FURLANETTO, M. M. Cronotopia: um fenômeno de largo espectro. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 453-482, 2019.

GIRARDET, R. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KALIL, I. (Coordenação). Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro (Relatório de Pesquisa). Realização: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Outubro | 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/relatorioparasitefespsp.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.

Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Estudo sobre as fake news sobre Marielle Franco entre 14 e 18 de março de 2014. Disponível em <http://dapp.fgv.br/reacao-boatos-superou-difusao-de-informacoes-contra-marielle-no-twitter-aponta-estudo-da-fgv-dapp/>. Acesso: 22 mar. 2022.

LAPPER, R. *Beef, Bible and Bullets: Brazil in the Age of Bolsonaro*. Manchester: Manchester University Press, 2022.

LAZER, D. M. J. et al. The Science of Fake News: addressing Fake News requires a multidisciplinary effort. *Science*. v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

MARCHETTO, A.; ZUCCOLLOTO, P. Democratização da comunicação: o embate da mídia brasileira. *Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <http://portal.metodista.br/unesco/jbcc/noticias-jbcc>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal dos estudos literários. Introdução a uma poética sociológica*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MELO, U. *Feita sob medida: a estrutura de uma notícia falsa e seu papel no convencimento do eleitor*. Dissertação. Mestrado em Ciências Políticas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas da Universidade Federal de Pernambuco.

MIRANDA, J. V. S. Composição e atuação da “Bancada da Bala” na Câmara dos Deputados [manuscrito] / João Vitor Silva Miranda. – 2019. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30892/1/DissertacaoJoaoVitorComposicaoAtuacaodaBancadadaBalanaCamaradosDeputadosFINAL.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MOREIRA, M. S. *Democracias no Século XXI: Causas, Sintomas e Estratégias para Superar sua Crise*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/ZWqZBqWKH5Mk5kP6SgvwKcT/?lang=pt#>. Acesso em: 22 mar. 2020.

MORETZHON, S. *Marielle, fake news, as iscas de cliques e os inocentes úteis*. Observatório da Imprensa. 21 de março de 2018. Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/chechagem-de-informacoes/marielle-fake-news-as-iscas-de-cliques-e-os-inocentes-uteis/> Acesso em: 09 maio 2022.

MOSCHELLA, M.; WATTS, R. *UK election: what we learned working with Full Fact*. First Draft, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/joint-venture-learnings/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

- PENA, F. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PISTORI, M. H. Cruz. Dialogia na persuasão “publicitária”. *Bakhtiniana*, Rev. Estud. Discurso. V. 9, n. 1, p. 148-167. Julho - 2014 - São Paulo.
- QUADRADO, J. C.; FERREIRA, E. S. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 419-428, set. - dez. 2020.
- RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, R. Discurso mediado pelo computador nas redes sociais. In. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* Júlio Araújo e Vilson Leffa (Org.). 1ª Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2016.
- RECUERO, R. *Introdução à análise de redes sociais online*. Salvador: Edufba, 2017.
- ROMANI, A. *Assassinato de Marielle “foi um crime político”*. Especialista do Núcleo de Estudos da Violência da USP analisa as consequências e o contexto do crime. *Jornal da USP*: 15/03/2018. Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/assassinato-de-marielle-foi-um-crime-politico/>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- ROSAS, N. *et al.* Sexo degradante e destruidor: uma análise sobre as interdições sexuais presentes nos livros evangélicos. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, 2021.
- ROSENFELD, M. Hate speech in constitutional jurisprudence: a comparative analysis. *Law Research Paper*, New York, n. 41, abr. 2001.
- SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.
- SOUSA, J. P. *Elementos do jornalismo impresso*. Letras Contemporâneas, 2005.
- TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo*. Vols. I e II. Florianópolis: Insular, 2005.
- VOLÓCHINOV, V. *Estilística no discurso literário II: a construção do enunciado*. In. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].
- VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica*. In. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. *Thinking about ‘information disorder’: formats of misinformation, disinformation, and mal-information*. Ireton, Cherilyn; Posetti, Julie. *Journalism, ‘fake news’ & disinformation*. Paris: Unesco, p. 43-54, 2018.

Recebido em: 09/05/2022

Aceito em: 22/12/2022